



## ARTIGOS LIVRES

### Dos filhos deste solo és mãe gentil: a maternidade universal de Maria, da Igreja e das nações

*You are a gentle mother to the children of this soil: the universal motherhood of Mary, the Church and the nations*

*Tú eres la dulce Madre de los hijos de esta tierra: la maternidad universal de María, de la Iglesia y de los pueblos*

**Wellington Cristiano da Silva<sup>1</sup>**

[orcid.org/0009-0000-1020-5032](https://orcid.org/0009-0000-1020-5032)  
[welli\\_83@yahoo.com.br](mailto:welli_83@yahoo.com.br)

**Tiago de Fraga Gomes<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-5437-2318](https://orcid.org/0000-0001-5437-2318)  
[tiago.gomes@pucrs.br](mailto:tiago.gomes@pucrs.br)

**Recebido em:** 28 maio. 2025.

**Aprovado em:** 30 maio. 2025.

**Publicado em:** 15 jul. 2025.

**Resumo:** Este artigo tem o intuito de fazer refletir, com base na maternidade universal de Jerusalém, da Igreja e de Maria de Nazaré, sobre a maternidade inclusiva das nações. Inspirada na *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, a pesquisa apresenta algumas referências bíblicas veterotestamentárias que indicam uma abertura materna do povo de Israel aos estrangeiros. Em seguida, analisa, valendo-se da prática de Jesus, a missão materna da Igreja, manifestada a todos os povos, e a maternidade universal de Maria, a mãe de Jesus. A dimensão materna de Sião, da Igreja e de Maria contribuem para o desenvolvimento hermenêutico da maternidade universal das nações – de modo particular, o Brasil –, e sua abertura ao acolhimento dos migrantes e refugiados. A missão materna de Israel, da Igreja e de Maria possibilita repensar as relações políticas entre as nações, principalmente, no que se refere à hospitalidade e à solicitude aos migrantes. Toda nação tem a vocação de ser uma pátria mãe, assumindo, em seu seio materno, não apenas os filhos de sua terra, mas, igualmente, em um processo de abertura e inclusão, os estrangeiros e refugiados.

**Palavras-chave:** Mariologia. Eclesiologia. Maternidade. Migrante. *Fratelli Tutti*.

**Abstract:** This article aims to reflect, based on the universal motherhood of Jerusalem, the Church and Mary of Nazareth, on the inclusive motherhood of nations. Inspired by Pope Francis' *Fratelli Tutti*, the research presents some Old Testament biblical references that indicate a maternal openness of the people of Israel to foreigners. It then analyzes, based on the practice of Jesus, the maternal mission of the Church, manifested to all peoples, and the universal motherhood of Mary, the mother of Jesus. The maternal dimension of Zion, the Church and Mary contribute to the hermeneutic development of the universal motherhood of nations – in particular, Brazil –, and their openness to welcoming migrants and refugees. The maternal mission of Israel, the Church and Mary make it possible to rethink political relations between nations, especially with regard to hospitality and concern for migrants. Every nation has the vocation of being a motherland, taking into its maternal womb not only the children of its land, but equally, in a process of openness and inclusion, foreigners and refugees.

**Keywords:** Mariology. Ecclesiology. Maternity. Migrant. *Fratelli Tutti*.

**Resumen:** Este artículo busca reflexionar sobre la maternidad inclusiva de las naciones, basándose en la maternidad universal de Jerusalén, la Iglesia y María de Nazaret. Inspirada en *Fratelli Tutti* del Papa Francisco, la investigación presenta algunas referencias bíblicas del Antiguo Testamento que indican la apertura materna del pueblo de Israel a los extranjeros. A continuación, analiza, con base en la práctica de Jesús, la misión materna de la Iglesia, manifestada a todos los pueblos, y la maternidad universal de María, madre de Jesús. La dimensión materna de Sión, la Iglesia y María contribuye al desarrollo hermenéutico de la maternidad universal de las naciones, en particular de Brasil, y su apertura a



<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

la acogida de migrantes y refugiados. La misión maternal de Israel, la Iglesia y María permite repensar las relaciones políticas entre las naciones, especialmente en lo que respecta a la hospitalidad y la atención a los migrantes. Toda nación tiene la vocación de ser patria, acogiendo en su seno materno no solo a los hijos de su tierra, sino también, en un proceso de apertura e inclusión, a los extranjeros y refugiados.

**Palabras clave:** Mariología. Eclesiología. Maternidad. Migrante. *Fratelli Tutti*.

## Introdução

Inspirada na Carta Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, sobre a fraternidade e a amizade social, esta pesquisa reflete, com base na maternidade da Igreja e de Maria, acerca da dimensão materna das nações. Assim como a maternidade da mãe de Jesus e da Igreja foram adquirindo proporções universais, os Estados nacionais também são provocados a uma maternidade aberta e inclusiva, sobretudo com o crescente aumento dos fenômenos migratórios. Na *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco impulsiona os diversos países a viverem uma fraternidade aberta a todos os povos, por meio de um diálogo respeitoso, estabelecendo laços de verdadeira amizade e de mútua ajuda. Recorrendo a São Francisco de Assis, propõe "um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço" (FT 1) e defende uma fraternidade "que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física" (FT 1). Esse coração aberto, sem fronteiras, é capaz de compartilhar a riqueza das diferenças étnicas e religiosas.

É possível, também, pensar cada país na sua dimensão materna. Uma nação, na promoção do bem comum e da cidadania, dispõe-se a acolher os seus filhos nativos e a assumir, em seu ventre aberto, os estrangeiros, migrantes e refugiados. Essas vidas, fragilizadas pela guerra, pela fome, pelas pandemias e pelas perseguições, buscam refúgio em lugares de acolhimento. A hospitalidade materna dos povos, assim como a maternidade universal da Igreja e de Maria, é sinal de esperança e de consolo para os peregrinos (LG 68). A maternidade é um dom e uma responsabilidade. É dom, porque o Criador, em seus planos de salvação, possibilita ao ser humano a graça de participar da

obra da criação. Gerar uma vida é colaborar com os desígnios daquele que cria e recria todas as coisas. "A mãe colabora com Deus, para que se verifique o milagre de uma nova vida" (AL 168). Ademais, a maternidade é um compromisso, uma missão. Deus confia ao ser humano – de modo especial, à mulher – o cuidado da vida e da criação. A maternidade concedida às mulheres é, por analogia, dada também à Igreja e à sociedade. A Igreja e as nações, iluminadas pelo exemplo da mãe de Jesus, são impulsionadas à arte do cuidado da vida, tornando-se, por conseguinte, mãe de todos os viventes (Gn 3,20).

A presente pesquisa, à luz da primeira aliança, apresenta algumas referências bíblicas que manifestam uma atitude de abertura materna do povo de Israel em relação aos estrangeiros. Em seguida, reflete, valendo-se da prática de Jesus, sobre a missão materna da Igreja, estendida a todas as gentes, e sobre a maternidade universal de Maria de Nazaré. A condição materna de Israel, da Igreja e de Maria oferecem luzes para um desenvolvimento hermenêutico da maternidade das nações – incluindo, de modo particular, o Brasil, mãe gentil – e sua abertura ao acolhimento dos migrantes e refugiados.

## 1 Sião, mãe de todos os povos (Sl 87)

Uma das imagens bíblicas atribuídas à cidade de Jerusalém é a imagem da mãe, que gera, acolhe, alimenta e cuida dos seus filhos e filhas. A dimensão materna de Jerusalém, voltada, principalmente, ao povo judeu, assumiu, progressivamente, o *status* de uma missão maior, estendida a todos os povos, sobretudo, aos simpatizantes da fé judaica. Evidentemente que, a compreensão de uma maternidade aberta foi sendo gestada, pouco a pouco, na história de Israel, sem excluir momentos de maior abertura ou de fechamento.

O Papa Francisco recorda que, "nas tradições judaicas, o dever de amar o outro e cuidar dele parecia limitar-se às relações entre os membros de uma mesma nação" (FT 59). No entanto, "especialmente no judaísmo que se desenvolveu fora da terra de Israel, as fronteiras foram-se ampliando. Aparece o convite a não fazer aos outros o que não

queres que te façam (Tb 4,15)" (FT 59). A tendência de limitar o amor somente aos seus compatriotas foi se enfraquecendo, à medida que o desejo de imitar o comportamento divino, de amar a todos, foi crescendo (FT 59). Jesus, por sua vez, manifesta a imagem de um Deus Pai, que ama gratuitamente a todos, independentemente da conduta humana. O Pai, que está no céu, "faz nascer o seu sol sobre maus e bons e faz cair a chuva sobre justos e injustos" (Mt 5,45). A acolhida aos estrangeiros deve-se, ainda, à memória histórica de Israel: "Não maltrates o estrangeiro nem o oprimas, pois vós fostes estrangeiros no Egito" (Ex 22,20). Deus mesmo se apresenta como o defensor dos estrangeiros (Sl 146,9). Ele "ama o estrangeiro" (Dt 10,18), exorta o povo a fazer o mesmo (Dt 10,19) e amaldiçoa quem viola os seus direitos (Dt 27,19).

Na literatura judaica, o estrangeiro está na mesma condição do órfão, da viúva e do pobre, isto é, dos mais vulneráveis. A estes, Deus exige cuidado e proteção: "Não deveis colocar em apuros nem a viúva, nem o órfão, nem o migrante, nem o mendigo" (Zc 7,10). Cabe, ao povo, a caridade para com os estrangeiros: "Se, ao fazer a colheita em teu campo, esqueceres um feixe de trigo, não voltes para buscá-lo. Deixa-o para o estrangeiro, para o órfão e a viúva, a fim de que o Senhor teu Deus te abençoe em todo o trabalho de tuas mãos" (Dt 24,19). O cuidado de Deus para com os pobres está impresso no coração da Sagrada Escritura. "Deus amava tanto as pessoas sem lar e pobres que ele estruturou sua Lei de tal modo que mesmo uma memória falha do ceifeiro se tornava um dispositivo amoroso para o cuidado de seus filhos" (Brown, 2004, p. 56).

No livro de Rute, Booz expressa grande solidariedade a Rute, a estrangeira moabita. Ele é generoso na prática da chamada lei da respinga: "Booz disse aos empregados: 'Mesmo que ela cate dos feixes já colhidos, não a incomodeis. Deixai de propósito cair dos feixes algumas espigas para ela, deixai para trás para ela catar, e não lhe chameis a atenção'" (Rt 2,15-16). O livro de Rute, escrito, provavelmente no pós-exílio, é um exemplo de integração do estrangeiro ao povo de Israel. Ademais, o livro busca superar as proibições aos

matrimônios mistos (Ne 13,23-27). "O livro de Rute poderia estabelecer o forte testemunho de que o povo não judeu não deveria ser condenado de forma tão radical. Afinal, uma mulher moabita foi a grande avó do rei Davi" (Laffey, 2013, p. 1088).

A hospitalidade do povo judeu aos estrangeiros expressa sua fé no Deus que ama a humanidade. Israel viveu, profundamente, a experiência amarga do êxodo e do exílio. Porém, experimentou, igualmente, a inesgotável bondade de Deus, que jamais se esquece dos filhos seus: "Acaso uma mulher esquece o seu neném, ou o amor ao filho de suas estranhas? Mesmo que alguma se esqueça, eu de ti jamais me esquecerei!" (Is 49,15). Dirigindo-se aos exilados da Babilônia, o profeta consola e alimenta a esperança do povo sofrido, fazendo uma releitura do êxodo e da criação. Deus não abandona o seu povo exilado. Ele o guiará, novamente, como em um novo êxodo. Os exilados retornarão para Jerusalém, que, por tão longo tempo, ficara privada de seus filhos (Stuhlmüller, 2013, p. 682). Isaías 49,15 é "uma das mais tocantes expressões do amor divino em toda a Bíblia. É natural que, no cenário de uma cidade murada que é descrita como uma mulher grávida, se aplique a Deus a imagem feminina da maternidade" (Stuhlmüller, 2013, p. 682).

Jerusalém, a cidade mãe de Israel, foi conquistada pelo rei Davi. Ao derrotar os jebuseus, que habitavam aquela terra (2Sm 5,6-10), Davi construiu, na cidade de Sião, a sede de seu governo. Ele passou, então, a "morar na fortaleza e chamou-a 'Cidade de Davi'" (2Sm 5,9). Como recorda o Salmo 122,5, em Jerusalém estavam "os tribunais de justiça, os tribunais da casa de Davi". O rei transportou a Arca da Aliança para Jerusalém (2Sm 6,1-12) e, por isso, a cidade foi, igualmente, designada *morada do Senhor* (Sl 84,2). Ao construir o Templo de Jerusalém (1Rs 6,1), Salomão transferiu a Arca para dentro daquele espaço religioso (1Rs 8,1-13). A cidade de Jerusalém tornou-se o centro do culto judaico.

Jerusalém foi assumindo uma personificação feminina. Na literatura profética, ela se torna a esposa do Senhor: "Pois teu marido é o teu criador" (Is 54,5); e a mãe do povo de Israel: "Quem já ouviu

uma coisa dessas? Quem já viu algo semelhante? Pode nascer um país inteiro num só dia? Pode dar à luz uma nação de uma só vez? Mal sentiu as dores, Sião deu à luz seus filhos" (Is 66,8). A maternidade de Jerusalém é desenvolvida, principalmente, com a experiência do exílio, ao resto de Israel. A filha de Sião dará à luz, na dor um povo libertado (Mori, 1995, p. 543): "Contorce-te e geme, filha de Sião, qual parturiente, porque agora sairás de tua cidade para morar no descampado. Serás levada para a Babilônia, mas de lá serás tirada. Lá o Senhor te libertará da mão dos inimigos" (Mq 4,10).

No período final do exílio e no pós-exílio, especialmente, a maternidade de Sião adquire dimensões universais. Com a imagem da mulher estéril, que será mãe de muitos filhos, Isaías profetiza a restauração de Jerusalém (Is 54,1). Será lugar de paz, segurança e felicidade para todos os povos. O profeta "vê a cidade, não como voltada para o templo, mas como voltada para fora, para o mundo. Ele vai além da aliança mosaica, que separava Israel de outras nações, para a aliança com Noé [...], mundial em escopo" (Stuhlmüller, 2013, p. 687). A cidade de Sião foi transformada em um grande farol para onde peregrinarão as diferentes nações. Todos são atraídos por sua luz, que, por sua vez, é o reflexo da glória de Deus (Is 60,1-3).

O Salmo 87, ao cantar a grandeza espiritual e a glória de Sião, descreve a cidade de Jerusalém como mãe de todas as gentes, não somente mãe do povo eleito. Sião, lugar da presença de Deus, abre-se para gerar todos os povos: "De Sião se dirá: 'Todos nasceram nela, e o Altíssimo a mantém firme'. O Senhor escreverá no livro dos povos: 'Lá este nasceu'" (Sl 87,5-6). Por conseguinte, "Sião torna-se um novo artigo de fé, pela promessa divina de que, não só os israelitas dispersos, mas todos os povos hão de convergir para o templo do Senhor – lugar do oráculo e da revelação divina – para participar da inauguração do reino universal de Deus" (Stadelmann, 1983, p. 327). O salmista anuncia a cidadania estendida a todos os povos, "que têm, portanto, os mesmos direitos e deveres da população nascida em Israel" (Stadelmann, 1983, p. 327-328). Os direitos concedidos aos "novos cidadãos são homologados em Jerusalém e, por serem

de direito divino, são incontestáveis e por ninguém podem ser questionados" (Stadelmann, 1983, p. 328). Embora o salmista apresente a maternidade universal de Jerusalém, na perspectiva religiosa, e pelo vínculo da fé no Deus de Israel, não se pode negar o grande avanço dado na abertura de suas fronteiras às culturas estrangeiras.

Com a imagem da mãe que ampara seus filhos exilados e se abre para acolher os estrangeiros, a literatura veterotestamentária possibilita uma interpretação pertinente à hospitalidade e à integração sociocultural dos migrantes e refugiados. Como cidade, Jerusalém inspira as nações a uma maternidade política aberta e inclusiva.

## 2 A Jerusalém do alto é nossa mãe (Gl 4,26)

No Novo Testamento, Jerusalém se torna a *Nova Jerusalém*, vinda do céu, de junto a Deus. Ela é a esposa do Cordeiro e brilha com a glória de Deus (Ap 21,9-10). Na cidade do alto, não há templo, pois, o Senhor é o próprio Santuário. As nações caminham à sua luz. As portas da cidade são abertas e sua praça é, igualmente, um espaço aberto de acolhimento (Ap 21,21-26). Assim como o Apocalipse de João, Paulo compreende a *Nova Jerusalém* como a Igreja e a comunidade de Jesus. Ao defender a justificação pela fé em Jesus Cristo, não pelas obras da Lei (Gl 2,16; 3,1-5), o Apóstolo dos gentios retoma a história de Agar e Sara, em sentido alegórico, para falar da maternidade de Jerusalém:

Essas mulheres representam as duas alianças. A primeira, Agar, que vem do monte Sinai, gera filhos para a escravidão: Agar representa o monte Sinai, que se encontra na Arábia, mas corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com os seus filhos. A Jerusalém do alto, ao contrário, é livre; e é a nossa mãe (Gl 4,24-26).

Paulo remete a maternidade de Agar àqueles que estão submetidos ao regime da Lei. Agar corresponde à Jerusalém atual e gera filhos para a escravidão. Por outro lado, a maternidade de Sara diz respeito àqueles que não se sujeitaram à prática da Lei. Sara, destarte, simboliza a Jerusalém do alto e gera filhos para a libertação. Por conseguinte, Paulo concluirá: "Portanto, irmãos, não somos filhos de uma escrava; somos filhos da mulher livre" (Gl

4,31). Em Jesus, o ser humano "não é mais escravo, mas filho" (Gl 4,7). Todos são filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus. Por meio do Batismo, possuem a mesma dignidade e são herdeiros da mesma promessa (Gl 3,26-27,29): "Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus" (Gl 3,28). Aliás, "o Filho de Deus por excelência é Jesus. Ele nasceu como filho da Promessa, culminação total da Aliança de Deus com Abraão. É filho da mulher livre, não da mulher escrava" (Paredes, 2011, p. 396).

A maternidade espiritual de Sara, sinal da maternidade da Jerusalém do alto, possibilita uma futura interpretação sobre a maternidade universal de Maria, tipo da maternidade da Igreja. "Nessa passagem, onde Sara é descrita como modelo e mãe dos fiéis, ele [Paulo] prepara o terreno para uma apresentação posterior de Maria como mãe de todos os fiéis" (Coyle, 2012, p. 72). Jesus derrubará, por completo, o muro de separação entre os povos (Ef 2,14). Paulo reconhece, em Cristo, a cidadania universal (Ef 2,19), superando o exclusivismo judaico:

Portanto, vós, que outrora trazíeis na carne a marca de pagãos e éreis chamados de incircuncisos pelos que praticam a circuncisão, lembrai-vos de que, então, estáveis sem "cristo", não participáveis da cidadania de Israel nem das alianças, da Promessa, não tinheis, neste mundo, esperança nem Deus verdadeiro. Mas agora, no Cristo Jesus, vós que outrora estáveis longe ficastes perto, graças ao sangue de Cristo (Ef 2,11-13).

Ao acolher os estrangeiros (Mt 25,35), Cristo resgata a unidade original de todas as nações. Ele repreende a intolerância dos discípulos e declara que "quem não é contra nós, está a nosso favor" (Mc 9,40). Como pastor, Jesus afirma que tem ovelhas que não são do redil de Israel (Jo 10,16) e ora ao Pai pela unidade: "Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti" (Jo 17,21). Ele age em favor dos pagãos (Mc 7,24-30) e revela que a fé não conhece fronteiras (Lc 4,25-27). Jesus lamenta sobre Jerusalém, pois a cidade mãe manchara suas mãos com o sangue dos profetas: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te foram enviados!" (Mt 23,37). Jerusalém havia abandonado sua missão materna e se tornara cenário de inúmeras mortes de inocentes. Jesus, entretanto, expressa, mater-

nalmente, o desejo de reunir, em si, os filhos da cidade santa: "Quantas vezes eu quis reunir teus filhos como uma galinha reúne seus pintainhos debaixo das asas, mas não quisestes!" (Mt 23,37).

A maternidade é dimensão constitutiva da Igreja, a comunidade de Jesus. Uma casa de portas abertas, a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, é missionária, uma verdadeira *mãe em saída* (EG 24), que participa das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias de toda humanidade (GS 1). "A Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história" (GS 1). Com sua hospitalidade materna, não rejeita nada que seja verdadeiro e santo, nas diferentes culturas e religiões (NA 2). A Igreja é mãe, pois, pela recepção da Palavra de Deus, "pela pregação e pelo Batismo, gera, para a vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus" (LG 64). Ela "prolonga no sacramento do Batismo a maternidade virginal de Maria" (MC 19). Nesse sentido, "muitos pais cristãos pedem o Batismo para seus filhos num santuário mariano, manifestando assim a fé na ação materna de Maria que gera novos filhos para Deus" (EG 286). A fonte batismal é como o útero da Igreja. Dessa fonte nasce, sempre, da água e do Espírito (Jo 3,5), o novo homem e a nova mulher.

A condição materna da Igreja não se restringe unicamente aos batizados, mas se estende a todos os povos. A Igreja é mãe para todos. Ela "é uma casa com as portas abertas, porque é mãe" (FT 276). A comunidade de Cristo é "uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos" (EG 210). Como católica, a Igreja é dirigida a todos os povos e tem a difícil tarefa de ser sinal de unidade entre as nações. "Num mundo dividido cabe a ela ser o sinal e o meio da unidade, superando e unindo nações, raças e classes sociais" (Ratzinger, 2015, p. 255).

O Papa Paulo VI, no discurso conclusivo do Concílio Vaticano II, declarou a Igreja como servidora da humanidade. Toda riqueza doutrinal do Concílio

[...] orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se como que a escrava da humanidade [...]; a ideia de serviço ocupou o lugar central (Paulo VI, 2007, p. 671).

A Igreja assumiu, novamente, o seu papel de mãe, colocando-se a serviço da humanidade. "A religião católica e a vida humana reafirmam assim a sua aliança, a sua convergência para um só bem humano, a saber: a religião católica é para a humanidade" (Paulo VI, 2007, p. 671). A universalidade da Igreja diz respeito ao seu compromisso com toda vida humana, sem ninguém excluir. Verdadeira Igreja samaritana, a comunidade dos discípulos de Jesus estará sempre auxiliando aqueles que estão caídos ao chão.

### 3 Eis aí a tua mãe (Jo 19,27): Maria, mãe de todos os viventes (Gn 3,20)

A maternidade de Jerusalém e da Igreja ganham maior visibilidade e eficácia com a missão materna, assumida por Maria, a mãe de Jesus. O Concílio Vaticano II, designando Maria como *Filha de Sião*, estreitou os laços da mãe de Jesus com o seu povo: Com Maria, "excelsa Filha de Sião, passada a longa espera da promessa, se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação" (LG 55). Filha de Abraão (Lc 1,55), Maria, em seu hino de louvor (Lc 1,47-55), canta a chegada dos tempos prometidos. Porta-voz do pequeno resto de Israel, ela é a personificação da Filha de Sião, que vive a alegria messiânica. A Virgem "representa, pois, o Povo da Aliança e, através dele, toda a humanidade e, diria mesmo, toda a Criação, que espera e responde em Maria" (Boff, 2009, p. 49).

Paulo afirma que o patriarca Abraão, "esperando contra toda esperança, firmou-se na fé e, assim, tornou-se pai de muitos povos" (Rm 4,18). Sua paternidade, graças a fé perseverante, tornou-se universal, alcançando diferentes povos. A maternidade de Maria, despertada pela fé no Deus do impossível (Lc 1,37.45), também foi estendida a todas as gentes. Espiritualmente, a mãe de Jesus está vinculada a todos os crentes. Abraão é, portanto, o primeiro dos crentes da Primeira Aliança, o pai da fé. E Maria é a primeira dos crentes da Nova Aliança, a mãe da fé.

O Concílio também aproximou, ainda mais, Maria da Igreja. A maternidade de Maria, como ensinou o Concílio Vaticano II, é tipo da materni-

dade da Igreja (LG 63). Maria e a Igreja são mães, pois geram, espiritualmente, filhos para Deus. Essa maternidade espiritual é uma maternidade no Espírito. "O Espírito Santo é a alma da Igreja, é a origem de toda Natividade, de todo novo nascimento" (Paredes, 2011, p. 389). A Virgem "deu à luz um Filho, que Deus estabeleceu primogênito de muitos irmãos (Rm 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe" (LG 63).

Segundo Bruno Forte (1991, p. 192), "Maria é o ícone materno da paternidade de Deus". O amor de Deus é semelhante ao amor visceral de mãe. Maria, nesse sentido, é um sinal concreto da ternura de Deus. Em cada mãe, como Maria, é possível sentir uma prévia manifestação do amor divino. Maria, ao conceber o Filho de Deus, por obra do Espírito, abriu-se ao dom da maternidade. Todavia, sua missão materna não se restringiu a Jesus, mas adquiriu proporções universais. No momento mais difícil de sua vida, quando seu filho foi crucificado, Maria recebeu de Jesus uma grande missão: assumir a humanidade em seu amor de mãe. "Jesus lhe confiará uma missão que a envolverá, não como *sua* mãe, mas como a mãe do Discípulo Amado" (Brown, 1983, p. 207). Ao acolher o discípulo que Jesus amava (Jo 19,26), a Virgem acolhia, em seu regaço materno, toda a humanidade. "Essa 'nova maternidade de Maria', portanto, gerada pela fé, é fruto do 'novo' amor, que nela amadureceu definitivamente aos pés da cruz, mediante a sua participação no amor redentor do Filho" (RM 23).

Em resposta ao dom da maternidade espiritual de Maria, os discípulos de Jesus são convidados a experimentar desse amor gratuito dado por Cristo. "E todo cristão, como discípulo amado por Jesus crucificado e ressuscitado, é convidado a acolher Maria como mãe na sua própria vida" (De Fiores, 2013, p. 73). No discurso conclusivo da Terceira Sessão do Concílio Vaticano II, Paulo VI (1964) proclamou Maria como *Mãe da Igreja*, ou seja, mãe "de todo o Povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que lhe chamam Mãe amorosíssima". A Constituição Dogmática sobre a Igreja, embora não traga o título Mãe

da Igreja, faz referência à expressão agostiniana *mãe dos membros de Cristo* (LG 53). Maria é mãe dos membros de Cristo "porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça [...] A Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade" (LG 53).

Em 2018, o Papa Francisco, por meio do Decreto *Ecclesia Mater*, determinou a inscrição da memória da *Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja* no Calendário Romano Geral<sup>2</sup>, a ser celebrada na segunda-feira, depois da Solenidade de Pentecostes. A inserção dessa memória mariana no calendário litúrgico busca "favorecer o crescimento do sentido materno da Igreja nos Pastores, nos religiosos e nos fiéis, como, também, da genuína piedade mariana" (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 2018). Na liturgia cristã, celebra-se, de forma sacramental e incruenta, o que na cruz foi "sacramentado", de forma cruenta. Na cruz, Cristo revelou publicamente a maternidade eclesial de Maria.

A Mãe, que estava junto à cruz (cf. Jo 19, 25), aceitou o testamento do amor do seu Filho e acolheu todos os homens, personificado no discípulo amado, como filhos a regenerar à vida divina, tornando-se a amorosa Mãe da Igreja, que Cristo gerou na cruz, dando o Espírito. Por sua vez, no discípulo amado, Cristo elegeu todos os discípulos como herdeiros do seu amor para com a Mãe, confiando-a a eles para que estes a acolhessem com amor filial (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 2018).

No parto da cruz, Maria gerou os seus filhos e filhas espirituais. Ela também esteve presente na geração e manifestação pública da Igreja, no dia de Pentecostes (At 1,14; 2,1), como "membro eminente" (LG 53) da comunidade dos crentes. "Dedicada guia da Igreja nascente, Maria iniciou, portanto, a própria missão materna já no cenáculo, rezando com os Apóstolos na expectativa da vinda do Espírito Santo" (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 2018).

João Paulo II, na *Redemptoris Mater*, em continuidade com os esforços ecumênicos do Concílio Vaticano II, chama Maria de "*nossa Mãe comum*"

(RM 30). Para além das fronteiras do Cristianismo, a missão materna de Maria se estende da Igreja à toda humanidade. "Com a morte redentora do seu Filho, a mediação materna da serva do Senhor revestiu-se de uma dimensão universal, porque a obra da Redenção abrange todos os homens" (RM 40). A *Lumen Gentium*, fundamentada no ensinamento dos Padres da Igreja, retoma o paralelo Eva-Maria e chama Maria "mãe dos viventes" (LG 56). Maria é, destarte, "Mãe de Deus, Mãe de Cristo e Mãe dos homens, sobretudo dos fiéis" (LG 54). A Virgem está "associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação" (LG 53), pois, ela mesma é, também, uma *filha de Adão* (LG 56; Justino, *Diálogo com Trifão* 100,3). A Virgem é a Nova Mulher, imagem da Igreja. Com a nova criação, estabelecida por Cristo, Maria torna-se mãe de todos os viventes, "na ordem da graça" (LG 61).

Ao chamar sua mãe de *Mulher* (Jo 2,4; 19,26), Jesus, no contexto do evangelho de João, une Maria à primeira mulher, a Jerusalém e à Igreja. "Com o termo 'Mulher', Jesus mostra em Maria a Filha de Sião dos tempos escatológicos, a nova Jerusalém-Mãe, ou seja, a Igreja-Mãe" (Serra, 1979, p. 115). O título *mãe dos vivos* une Maria a toda humanidade. Sua missão materna se estende a todas as gentes, não se fechando aos recintos eclesiais. Maria é a mulher da nova criação. "A exemplo da Igreja, também Maria está posicionada numa perspectiva universal em termos de história da salvação e de história da humanidade" (Kasper, 2012, p. 201). Mãe dos viventes, pela sua obediência ao Pai, a Virgem "presenteou o Salvador à humanidade" (Kasper, 2012, p. 201). Segundo Balthasar (2016, p. 13), Maria

[...] se solidariza com a mãe da raça humana, justamente porque é isenta do pecado: e se solidariza de modo ainda mais estreito com o seu povo, Israel, que, como um todo, sofre continuamente as dores do parto do Messias. Ela pertence à plenitude da Aliança com o povo que representa a humanidade inteira.

O Papa Francisco tem enfatizado a ternura, como uma virtude cristã fundamental para a ação pastoral. "Na sua encarnação, o Filho de

<sup>2</sup> Paulo VI, em 1975, já havia inserido, no Missal Romano, a missa votiva de Maria Mãe da Igreja.

Deus convidou-nos à revolução da ternura" (EG 88). Em Maria, a Igreja se inspira para a prática da ternura evangélica. "Há um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto" (EG 288). Com sua oração materna, Maria ajuda a Igreja a se tornar "uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos" (EG 288). A dimensão universal da fraternidade humana, promovida pelo Papa Francisco, na *Fratelli Tutti* (FT 6), é uma oportunidade para refletir acerca da origem humana. Toda a humanidade descende de um único homem e de uma única mulher e tem sua origem do mesmo e único Deus Criador. Unida pela Protologia, a humanidade reforça seus laços de unidade pela Mariologia.

Para muitos cristãos, esse caminho de fraternidade tem também uma Mãe, chamada Maria. Ela recebeu junto da Cruz esta maternidade universal (Jo 19,26) e cuida não só de Jesus, mas também do 'restante dos filhos dela' (Ap 12,17). Com o poder do Ressuscitado, ela quer dar à luz um mundo novo, onde todos sejamos irmãos, onde haja lugar para todos os rejeitados de nossas sociedades, onde resplandeçam a justiça e a paz (FT 278).

#### 4 Raquel que chora seus filhos (Jr 31,15; Mt 2,18)

Em sua infância, Jesus vive a experiência do êxodo e do exílio. Ao nascer, diante das ameaças de Herodes, Jesus foge com José e Maria para uma pátria estrangeira (Mt 2,13-18). "Para a comunidade judeu-cristã de Mateus, Jesus, fugindo para o Egito, refazia a história de Israel, mais particularmente a história de Moisés 'voltando ao Egito', depois da morte do faraó (Ex 4,19-20)" (Perrot, 1982, p. 49). O Egito que, outrora, fora a casa da escravidão (Ex 20,2), tornou-se lugar de refúgio para a família de Nazaré. Jesus e seus pais fogem para preservar a vida. Desterrados, são acolhidos no seio de uma pátria alheia. Os filhos rejeitados ou ameaçados em sua própria terra buscam refúgio e melhores condições de vida em países estrangeiros. No relato da fuga para o Egito, Mateus aplica a profecia de Oséias – refe-

rente ao êxodo de Israel do Egito (Brown, 2005, p. 255) – ao acolhimento de Jesus e seus pais no Egito: "Do Egito chamei o meu filho" (Os 11,1; Mt 2,15). O Egito se torna, para a família de Nazaré, uma pátria mãe, que se abre para hospedar os refugiados da Galileia, seus filhos por adoção.

Diz o ditado popular: "mãe é aquela que cria". Ser mãe é muito mais que gerar uma vida. Trata-se, sobretudo, de acolher e cuidar da vida. A maternidade é o exercício do cuidado e do amor oblato. Adotar um filho é um ato humano muito nobre. Para os cristãos, a adoção recorda o Batismo. Por meio do Sacramento do Batismo, o neófito recebe a adoção filial (Rm 8,15) e é acolhido como filho amado do Pai. E a Igreja acolhe, igualmente, das fontes batismais, seus filhos e filhas. É costume, em alguns lugares, após o Batismo, realizar um ato de devoção a Maria, confiando, aos seus cuidados de mãe, as crianças batizadas. Por conseguinte, novamente, percebe-se a íntima união entre a maternidade da Igreja e a maternidade de Maria. A adoção filial pode ser aplicada à maternidade inclusiva das nações, quando um país se abre para acolher e proteger a pessoa do migrante. O Papa Francisco tem saído, constantemente, em defesa dos migrantes e refugiados. A questão da migração é um tema central de seu pontificado, como ele mesmo tem afirmado:

Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor de uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais (EG 210).

A matança dos inocentes (Mt 2,16-18) é descrita como o cumprimento de uma profecia: "Assim se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias: 'Ouviu-se um grito em Ramá, choro e grande lamento: é Raquel que chora seus filhos e não quer ser consolada, pois não existem mais'" (Mt 2,17-18). Segundo Raymond Brown (2005, p. 257), "o massacre dos meninos era um lembrete óbvio da perseguição no Egito". As lágrimas da matriarca Raquel (Jr 31,15), que, no passado, estavam associadas aos sofrimentos dos exilados, atualizam-se na história das crianças assassinadas pelo tirano Herodes. O profeta

[...] ao referir-se ao exílio, disse que Raquel chorava seus filhos e agora se ouve outra vez sua voz do túmulo, com mais intensidade, até em Ramá, pois os filhos de Israel sofrem perseguição mais uma vez. Mas, do mesmo modo que acabou por derrubar o poder da tirania que perseguiu Israel no Egito e no exílio, Deus vai frustrar o poder desse tirano (Brown, 2005, p. 257).

O choro de Raquel se perpetua na história da humanidade e se une às lágrimas de tantas mulheres de Jerusalém (Lc 23,27-31) e de todo o mundo que perde seus filhos por conta da violência, da guerra e da fome. "Nós queremos chorar para que a sociedade também seja mais materna, para que, em vez de matar, aprenda a dar à luz, para que seja promessa de vida" (CV 75). O Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, aponta algumas tendências atuais que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal (FT 9) e a abertura aos migrantes. Ressurgem, hoje, "nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos" (FT 11) e "atitudes xenófobas, desprezo e até maus-tratos àqueles que são diferentes" (FT 86). Reaparece a *cultura dos muros* (FT 27), que impede o encontro e o diálogo com outras pessoas. Há a disseminação de visões individualistas, que levam a uma atitude de proteção interna, diante de supostas concorrências e inimizades nas relações entre países (FT 152). Esmorece o sentimento de pertença à mesma humanidade (FT 30). O Pontífice também lembra sobre alguns regimes políticos populistas, que impedem a entrada de pessoas migrantes (FT 37). E ressalta que "uma pessoa e um povo só são fecundos se souberem criativamente integrar no seu seio a abertura aos outros" (FT 41).

O sociólogo Zygmunt Bauman, em sua obra *Retrotopia*, ao fazer uma leitura da sociedade contemporânea, constata uma crescente nostalgia de ideais do passado e o retorno de nacionalismos, de partidos políticos autoritários e de posturas de autodefesa. Ele designa como "*De voltas às tribos*" a configuração de Estados confinados no interior de suas fronteiras. Essa mentalidade tribal é fruto de políticas que apelam "à construção de muros, ao fechamento de fronteiras e à extradição

de alienígenas" (Bauman, 2017, p. 69-70). O Papa Francisco apresenta quatro verbos que resumem à solidariedade necessária para com os migrantes: acolher, proteger, promover e integrar (FT 129). É importante que cada nação não se pense apenas como país, mas como parte de uma grande "família humana" (FT 141), pois "cada pessoa nascida em determinado contexto sabe que pertence a uma família maior" (FT 149). Trata-se, não obstante, de superar "a globalização da indiferença" (LS 52). A humanidade espera por "um novo céu e uma nova terra" (Ap 21,1), onde as lágrimas de Raquel cessarão e ela, finalmente, será consolada e terá seus filhos amparados e protegidos. Nesse dia, "não haverá mais luto, nem grito, nem dor, porque as coisas anteriores passaram" (Ap 21,4).

### 5 Mãe gentil és tu, Brasil!

Embora a expressão "pátria" indique a paternidade das nações, toda nação é mãe, pois gera, em seu ventre sociocultural, seus cidadãos e cidadãs. Por conseguinte, toda pátria é uma pátria mãe. Como mãe, cada nação tem a missão de cuidar de seus filhos e filhas, especialmente, os mais vulneráveis. Sua maternidade, contudo, não se restringe aos filhos gerados em suas terras, mas se alarga, para além-fronteiras, assumindo dimensões universais. Trata-se de uma maternidade de coração aberto ao mundo inteiro, que integra, em seu seio, toda vida humana, independentemente de sua origem, cultura ou condição.

O Brasil é um país de muitos migrantes. Acolheu, em seu seio, povos oriundos de diversos continentes. Historicamente, esse processo migratório é marcado, igualmente, por inúmeros desafios. Basta lembrarmos das atitudes violentas de colonizadores, reflexo de uma política de domínio e de disputas territoriais. Todavia, a integração cultural é uma riqueza para o país. Por isso, não há motivos para temer novas integrações culturais, quando bem conduzidas. O Hino Nacional do Brasil enfatiza a dimensão da pátria mãe: "Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil"<sup>3</sup> (Hino, 1909). Cada brasileiro, ao cantar o

<sup>3</sup> A letra do Hino nacional do Brasil é de Joaquim Osório Duque-Estrada. A composição da música, por sua vez, é de Francisco Manuel da Silva.

Hino Nacional, proclama a maternidade da sua nação, que trata todos os seus filhos, gerados nesse solo, com materna gentileza.

O livro dos Atos dos Apóstolos narra que, após um naufrágio, Paulo e um grupo de pessoas conseguiram sobreviver e chegaram na Ilha de Malta. A narrativa bíblica destaca a acolhida cordial dos habitantes de Malta: "Os nativos mostraram extraordinária gentileza para conosco" (At 28,2). A postura de hospitalidade, por parte do povo de Malta, traz luzes para a vida de muitas pessoas que se encontram fora de sua pátria. A gentileza e a cordialidade são agentes de esperança para aqueles que procuram abrigo seguro, em meio aos naufrágios da vida. A condição dos apátridas é ainda mais desafiante. O fenômeno das pessoas desprovidas de um Estado que lhes garantam seus direitos (Arendt, 2023, p. 381) ganhou grande visibilidade, principalmente, após as duas grandes Guerras Mundiais. Segundo Hannah Arendt (2023, p. 369), muitos migrantes, que fugiam das guerras

[...] não eram bem-vindos e não podiam ser assimilados em parte alguma. Uma vez fora do país de origem, permaneciam sem lar; quando deixavam o seu Estado, tornavam-se apátridas; quando perdiam os seus direitos humanos, perdiam todos os direitos: eram o refugio da terra.

Pessoas sem pátria, sem nacionalidade definida e sem documentos de identificação, continuam tendo seus direitos humanos ameaçados. São mais vulneráveis e estão sujeitos a diversas formas de violências. Quando aceitos em outros países, podem recomeçar suas vidas. É preciso "reconhecer os direitos de todo ser humano, incluindo os nascidos fora de nossas próprias fronteiras" (FT 117). Alguns países têm demonstrado atitudes maternas ao concederem a naturalização a migrantes e a refugiados. A mãe não possui filhos prediletos ou privilegiados. A mãe ama e acolhe todos os seus filhos, com igualdade de amor e de afeto. Contudo, sempre dará maior atenção, mesmo que provisória, aos seus filhos e filhas mais fragilizados.

Se toda pessoa possui uma dignidade inalienável, se todo ser humano é meu irmão ou minha irmã e se, na realidade, o mundo pertence a todos, não importa se alguém nasceu aqui

ou vive fora dos limites de seu próprio país. Também a minha nação é corresponsável por seu desenvolvimento, embora possa cumprir tal responsabilidade de várias maneiras: acolhendo-o generosamente quando o requeira uma necessidade imperiosa, promovendo-o na sua própria terra, não desfrutando nem esvaziando de recursos naturais a países inteiros, e não favorecendo sistemas corruptos que impedem o desenvolvimento digno dos povos (FT 125).

A pátria mãe não rejeita os estrangeiros, mas os envolve, por adoção, em seu amor materno. E, no Brasil, intimamente ligada à sua condição de pátria mãe, tem-se a padroeira mãe, Nossa Senhora Aparecida, mãe e padroeira do Brasil, íntegra em sua história e na história do próprio país. O Brasil é uma nação composta de povos migrantes e nativos. Sua diversidade, cultural e étnica, confere-lhe uma identidade própria. Segundo Rodrigo Alvarez (2014, p. 16), a imagem de Aparecida é considerada "o primeiro símbolo verdadeiramente nacional, a figura mais antiga de nossa história que representou a unidade do Brasil". Por ser uma imagem tão simbólica, Aparecida "muitas vezes se confundiria com a história do Brasil" (Alvarez, 2014, p. 225). O Brasil, mãe gentil, carrega em sua memória histórica a piedade mariana. Aparecida é um verdadeiro símbolo nacional. Ela traz a devoção portuguesa à Virgem da Conceição, a cor e a história de um povo escravizado, a terracota dos povos originários. Aparecida congrega todos em seu colo materno e inspira a pátria mãe a jamais se esquecer de que é mãe gentil dos filhos deste solo e, também, de todos aqueles que aqui desejarem viver.

## Conclusão

A missão materna da cidade de Jerusalém, da Igreja e de Maria remetem a três dimensões da maternidade: em Maria, mãe de Jesus, a dimensão humana-pessoal; na Igreja, a dimensão eclesial-religiosa; na cidade de Jerusalém, a dimensão sociopolítica. Uma dimensão está entrelaçada a outra, pois, elas se inspiram, mutuamente. A condição materna de Maria e da Igreja oferecem luzes para a prática do acolhimento aos migrantes e refugiados. Tanto Maria como a Igreja possuem uma maternidade aberta, inclusiva e universal.

Toda pátria é convocada a ser uma *pátria mãe*. A maternidade de uma nação se manifesta no cuidado de todos os seus cidadãos, na atenção às vidas mais vulneráveis, na promoção do bem comum, na defesa dos direitos humanos e no princípio da equidade. Todavia, para além das relações internas entre a nação e seus compatriotas, a pátria mãe também abre suas fronteiras para acolher aqueles que não são propriamente seus filhos, gerados em território nacional, e que procuram por refúgio em terras estrangeiras. Uma pátria que se considera mãe gentil não poderá simplesmente fechar-lhes o dom da sua maternidade. Em tempos de guerras, violência, fome e pandemias, os países são provocados à mútua hospitalidade.

Maria inspira cuidado. "Por meio da figura de Maria, compreende-se que o cuidado veicula dinâmicas sociais como superação das injustiças, em especial em relação aos pobres, como muito bem expressa o *Magnificat*" (Gomes; De Lucas, 2024, p. 2). É muito significativo o fato que, em 2020, o Papa Francisco tenha incluído três invocações à ladainha de Nossa Senhora, que, tradicionalmente, conclui a oração do terço: Mãe de Misericórdia (*Mater Misericordiae*), Mãe da Esperança (*Mater Spei*) e Conforto ou Ajuda dos Migrantes (*Solacium Migrantium*). Essas novas invocações refletem os desafios do tempo presente e trazem grandes marcas do pontificado de Francisco: a misericórdia, a esperança e a hospitalidade para com os migrantes e refugiados. São três súplicas que o povo eleva à mãe de Jesus, com a confiança de poder contar com sua materna intercessão. Aquela que deu à luz, em Belém (Lc 2,1-7), fora de sua cidade de origem, e que se refugiou no Egito (Mt 2,13-18), em um país estrangeiro, conhece, de perto, os sofrimentos daqueles que fogem para o deserto da vida, na esperança de encontrarem um lugar preparado por Deus (Ap 12,6).

## Siglas

AL Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*.  
 CV Exortação Apostólica *Christus Vivit*.  
 EG Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.  
 FT Carta Encíclica *Fratelli Tutti*.  
 GS Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*.

LG Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

LS Carta Encíclica *Laudato Si'*.

MC Exortação Apostólica *Marialis Cultus*.

NA Declaração *Nostra Aetate*.

RM Carta Encíclica *Redemptoris Mater*.

## Referências

ALVAREZ, Rodrigo. *Aparecida: a biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil*. São Paulo: Globo, 2014.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Maria para hoje*. São Paulo: Paulus, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BROWN, Raymond E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulinas, 1983.

BROWN, Raymond E. *Entendendo o Antigo Testamento: esboço, mensagem e aplicação de cada livro*. São Paulo: Shedd, 2004.

BROWN, Raymond E. *O nascimento do Messias: comentários das narrativas da infância nos evangelhos de Mateus e Lucas*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. Brasília: CNBB, 2016.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje*. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007a. p. 539-662.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Declaração Nostra Aetate: sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs*. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007b. p. 339-346.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Decreto sobre a celebração da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja no Calendário Romano Geral*. Roma: [s. n.], 2018. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/03/03/0168/00350.html#portD>. Acesso em: 28 maio 2025.

COYLE, Kathleen. *Maria tão plena de Deus e tão nossa*. São Paulo: Paulus, 2012.

DE FIORES, Stefano. *Eis aí tua Mãe: um mês com Maria*. 3. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério*: ensaio de mariologia simbólico-narrativa. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus: Loyola, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal Christus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

GOMES, Tiago de Fraga; DE LUCAS, Luisa. Maria de Nazaré, mulher do cuidado. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 1-14, jan./dez. 2024. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/46692>. Acesso em: 19 jun. 2025.

HINO Nacional Brasileiro. Compositor: Joaquim Osório Duque-Estrada. Música: Francisco Manuel da Silva. Brasília: Palácio do Planalto, 1909. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/hino.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm). Acesso em: 28 maio 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*: sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho. Brasília: CNBB, 2016.

JUSTINO DE ROMA. Diálogo com Trifão. In: JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias, Diálogo com Trifão*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 109-324.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica*: essência, realidade, missão. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

LAFFEY, Alice L. Rute. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2013. p. 1087-1096.

MORI, Elios Giuseppe. Filha de Sião. In: DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. *Dicionário de mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 542-549.

PAREDES, José Cristo Rey García. *Mariologia*: síntese bíblica, histórica e sistemática. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

PAULO VI, Papa. *Conclusão da III Sessão do Concílio Vaticano II*. Roma: Is. n.1, 1964. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19641121\\_conclusions-iii-sessions.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641121_conclusions-iii-sessions.html). Acesso em: 28 maio 2025.

PAULO VI, Papa. Discurso durante a última Sessão Pública do Concílio Vaticano II (1965). In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 663-674.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Marialis Cultus*: para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria. Brasília: CNBB, 2016.

PERROT, Charles. *As narrativas da infância de Jesus*: Mateus 1-2 – Lucas 1-2. São Paulo: Paulinas, 1982.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*: Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

SERRA, Aristide M. *Maria em Caná e junto à Cruz*: ensaios de mariologia joanina. São Paulo: Paulinas, 1979.

STADELMANN, Luis I. J. *Os Salmos*: estrutura, conteúdo e mensagem. Petrópolis: Vozes, 1983.

STUHLMUELLER, Carroll. Dêutero-Isaías e Trito-Isaías. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2013. p. 661-700.

---

### Wellington Cristiano da Silva

Doutorando e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

---

### Tiago de Fraga Gomes

Pós-doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil, com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB), Bochum, Alemanha. Professor e coordenador do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

#### Wellington Cristiano da Silva

#### Tiago de Fraga Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Escola de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Teologia  
Av. Ipiranga, 6681  
Partenon, 90619900  
Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*